

# TERRITÓRIO EM DISPUTA EM *DOIS IRMÃOS*, DE MILTON HATOUM

Henrique Oliveira dos Santos<sup>1</sup>

Michelly Cristina Alves Lopes<sup>2</sup>

## RESUMO

Neste artigo, será analisado como o espaço, transformado em território, atua como elemento acirrador do conflito entre os irmãos Yaqub e Omar, protagonistas do romance *Dois irmãos*, de Milton Hatoum. O trabalho, de cunho ensaístico, teve como base a pesquisa bibliográfica, primando pelo diálogo entre os textos elencados, dentre esses, estudos teórico-críticos realizados por Borges Filho (2008), Medeiros (2009), Netto (2014), Oliveira (2020), entre outros. A análise dos elementos espaciais do romance empreendida nesta pesquisa mostra que o conflito fraternal proposto pela história, embora explícito e, aparentemente, superficial, excede o aspecto “novelesco” da trama, criando efeitos de sentido por meio dos componentes da narrativa, conforme esperado do texto literário.

**Palavras-chave:** Espaço; Território; Disputa; Irmãos.

## INTRODUÇÃO

Por mais que as narrativas históricas, ficcionais e religiosas, de diferentes épocas, explicitem os problemas presentes nas relações intrafamiliares, romanticamente, alguns grupos sociais, por vezes, ainda buscam imprimir no núcleo familiar a imagem de indivíduos convivendo em plena harmonia afetiva, apoiando-se reciprocamente em diferentes contextos como o emocional, o religioso e o político. Entretanto, sabe-se que, ao abriremos as cortinas de seda dos bastidores, a 'realidade' das cenas construídas pelas 'famílias dos comerciais de margarina' é desvelada e desmorona diante de distintas formas e níveis de conflitos entre cônjuges, entre pais e filhos e entre irmãos. Em meio a esses embates, o fraterno figura de maneira complexa e perigosa à tradição familiar, uma vez que pode, como traça, corroer lenta e silenciosamente as linhas que dão forma íntegra ao tecido familiar, culminando em estragos

---

<sup>1</sup> Licenciando em Letras - Português no IFES - *Campus* Vitória.

<sup>2</sup> Professora de língua portuguesa e literatura brasileira do Instituto Federal do Espírito Santo. Doutoranda em Letras (PPGL) pela Universidade Federal do Espírito Santo. Mestra em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo. Especialista em literatura, cultura e arte pela Faculdade Brasileira. Licenciada em Letras/Português pelo Instituto Federal do Espírito Santo - Campus Vitória. E-mail: michellyalveslopes@gmail.com

impossíveis de serem costurados ou remendados pelos demais integrantes da família, evidenciando, assim, a fragilidade das relações intrafamiliares e da perpetuação da unidade desse grupo. Comentando essa pressuposta afetividade entre irmãos, Raul José Matos de Arruda Filho, em *A invenção do inimigo: literatura e fraternidade*, explica-nos que:

No caso específico da fraternidade, mesmo diante de provas significativas e inquestionáveis de que as relações afetivas entre irmãos estão envoltas em uma série complexa de problemas, o imaginário costuma estar contaminado por uma noção muitas vezes equivocada de que irmãos são amigos de seus irmãos. Esse pensamento está expresso em expressões populares como “parecem irmãos”, “para mim, você é como um irmão”, “irmãozinho postiço”, que são utilizadas em diferentes contextos como sinalizações positivas para reforçar laços de amizade (ARRUDA FILHO, 2008, p. 12).

Contrariando o imaginário social, a arte e a literatura têm exposto a rivalidade que existe na relação fraterna há bastante tempo. Nos textos bíblicos, por exemplo, Caim mata seu irmão Abel por inveja. Em uma das versões das histórias de Rômulo e Remo, Rômulo salva o irmão do cativo e, depois, numa discussão corriqueira, assassina-o.

Saindo da esfera mítica, na literatura brasileira, é digno de nota o romance *Esau e Jacó*. Nele, Machado de Assis explora o conflito entre os gêmeos idênticos Pedro e Paulo, que possuem perfis discordantes: Pedro é dissimulado e cauteloso, enquanto Paulo é arrojado e impetuoso. Examinando o romance, percebe-se que, na verdade, os gêmeos Pedro e Paulo correspondem respectivamente ao regime monárquico e ao regime republicano, ou seja, os irmãos defendem ideais de governo teoricamente opostas, mas que se revelam bastante parecidos na prática, alegorizando a contradição da duplicação.

Caso semelhante ao de *Esau e Jacó* é o de *Dois Irmãos*, objeto de análise deste artigo. O romance explora o conflito dos irmãos Yaqub e Omar, protagonistas da trama. A história é narrada por Nael, filho de Domingas, que, apesar de filha adotiva, faz as vezes de empregada da casa. Participam também da trama Zana e Halim, respectivamente, matriarca e patriarca da família, e sua filha Rânia.

No início do romance, Yaqub e Omar vivem juntos em Manaus, compartilhando os mesmos espaços. Ainda crianças, em determinado ponto da história, Omar fere Yaqub gravemente. Por conta desse acontecimento, Yaqub é enviado para o Líbano, enquanto Omar cresce em Manaus, fazendo da capital manauara o seu território. Anos mais tarde, Yaqub volta a Manaus, mas se sente um estranho em sua terra natal. Oprimido pelo irmão, Yaqub se muda para São Paulo, assimilando os modos e os ideais paulistas da época. Mais adiante no romance, Yaqub, agora engenheiro militar e um homem de posses, inicia sua territorialização de Manaus, modificando esteticamente a casa da família. Como militar, Yaqub adere aos

ideais da ditadura, passando a defendê-la. No final do romance, Manaus é ocupada pelo regime militar, finalizando o processo de territorialização de Yaqub.

No decorrer da história, os espaços territorializados por Yaqub e Omar acabam exercendo um papel importante no acirramento do conflito existente entre os irmãos. Neste trabalho, analisaremos como os espaços da história, transformados em territórios pelos gêmeos, tensionam passiva e simbolicamente o conflito entre os dois. Para isso, discutiremos, no próximo tópico, questões concernentes ao espaço na narrativa e ao conceito de território, buscando assentar as bases para a análise que está por vir.

## 1. TERRITÓRIO E DISPUTA

No texto ficcional existem diversos aspectos que, ao serem analisados por estudiosos, podem colaborar para o enriquecimento dos sentidos atribuídos ao texto narrativo. Entre esses elementos, encontra-se o espaço, às vezes, considerado apenas secundariamente pelos críticos, uma vez que se apresenta de forma diluída na narrativa. Todavia, o espaço pode ter um papel semântico tão importante quanto os demais componentes da trama narrativa, visto que, conforme apontado por Osman Lins (1976, p. 69), no texto *Lima Barreto e o espaço romanesco*, “tudo na ficção sugere a existência do espaço”. Sobre esse assunto, Antônio Dimas, em *Espaço e romance*, declara:

[...] o espaço pode alcançar estatuto tão importante quanto outros componentes da narrativa, tais como foco narrativo, personagem, tempo, estrutura etc. É bem verdade que, reconheçamos logo, em certas narrações esse componente pode estar severamente diluído e, por esse motivo, sua importância torna-se secundária (DIMAS, 1985, p. 5).

No livro *Espaço e literatura: introdução à topoanálise* (2008), Oziris Borges Filho reflete acerca das diversas funções do espaço em relação ao texto literário. Para isso, Borges destaca e discorre sobre alguns dos papéis desempenhados pelo espaço na narrativa, ressaltando as possíveis contribuições da espacialidade para a compreensão do enredo.

Inicialmente, Borges Filho (2008, p. 35) defende que o espaço é capaz de caracterizar as personagens, contextualizando-as social e psicologicamente, permitindo, por vezes, que o leitor antecipe as ações das personagens. No romance *Dois irmãos*, a residência da família de descendência libanesa é repleta de referências que evidenciam as origens socioculturais de Halim e de Zana. Ademais, as marcas da casa mostram a miscigenação cultural sucedida após

os imigrantes se estabelecerem na cidade de Manaus, revelando o elo entre o espaço e o grupo.

Consoante Borges Filho (2008, p. 37), o espaço também influencia mutuamente as personagens, afetando-as e sendo por elas afetado. Em *Dois irmãos*, o jovem Yaqub, ao separar-se forçadamente de suas raízes, é exilado no Líbano, numa aldeia de familiares. Lá, o rapaz sofre a influência do espaço, esquece parte de sua língua materna e desenvolve novos costumes, homogeneizando-se ao espaço libanês. Mais tarde, Yaqub, engenheiro militar, após anos residindo e estudando em São Paulo, ao visitar Manaus, moderniza, aos moldes paulistanos, a casa da família em Manaus, explicitando a interferência recíproca que pode acontecer entre espaço e personagem.

Para Borges Filho (2008, p. 39), o espaço atua, inclusive, facilitando os atos das personagens. Na trama de *Dois irmãos*, Yaqub vislumbra nos estudos a sua emancipação e, ao perceber as limitações educacionais presentes na capital manauara, decide mudar-se para São Paulo, onde consegue progredir em seus estudos e torna-se um renomado engenheiro militar. Assim, as oportunidades existentes na metrópole paulistana contribuíram para o sucesso profissional do personagem.

Posteriormente, Borges Filho (2008, p. 40) afirma que, frequentemente, o espaço assume papel denotativo, situando geograficamente a personagem em determinado tempo, por exemplo, em “Quando Yaqub chegou do Líbano, o pai foi buscá-lo no Rio de Janeiro”, (HATOUM, 2000, p. 11). Em algumas ocasiões, para Borges Filho (2008, p. 40), o espaço é homólogo, intensificando os sentimentos das personagens. A descrição da ambientação feita no trecho a seguir reforça a sensação de vitória sentida pelas personagens:

[...] O cais da praça Mauá estava apinhado de parentes de pracinhas e oficiais que regressavam da Itália. Bandeiras brasileiras enfeitavam o balcão e as janelas dos apartamentos e casas, rojões espocavam no céu, e para onde o pai olhava havia sinais de vitória (HATOUM, 2000, p. 11).

Além dessas atribuições, acordadamente com Borges Filho (2008, p. 41), o espaço, entre outras funções, por vezes, é heterólogo, contrastando com os sentimentos da personagem. Tal como a comemoração de formatura de uma personagem durante uma noite tempestuosa.

As disputas por espaço estão presentes na história da humanidade desde as civilizações mais antigas. Buscando domínio espacial e, conseqüentemente a dominação do outro, o homem empreendeu violentos conflitos, subjugando, oprimindo, torturando e, não raramente, assassinando milhares de indivíduos, a exemplo do ocorrido na Guerra de Troia (1300-1200 a.C.), nas Cruzadas (1096-1291), na Guerra dos Cem Anos (1337-1453), nas colonizações, na

Guerra Imjin (1592-1598), na Primeira Guerra Mundial (1914-1918), na Segunda Guerra Mundial (1939-1945), no duelo entre Palestina e Israel, na Guerra da Coreia (1950-1953) e na Guerra do Afeganistão (2001-presente).

Quando esses embates ocorrem, o espaço transforma-se em território. Ao analisar etimologicamente o termo ‘território’, Rogério Haesbart (2004, p. 1), em *Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade*, ressalta que a origem da palavra aproxima-se tanto de ‘terra’ quanto de ‘terror’, revelando que o vocábulo está associado à posse de terras e ao medo que as pessoas dominadas têm de perderem seus recursos e sua relação de identificação e de pertencimento referentes à terra, existentes anteriormente à dominação. Borges Filho (2008, p. 6), ao discutir as possibilidades de estudo do espaço na ficção, explica que “No conceito de território temos a possibilidade de análise das relações de poder na obra literária. O cenário ou a natureza transformar-se-ão em território quando houver uma disputa por sua ocupação e/ou posse”.

Essas lutas não se resumem somente às rivalidades de sujeitos ou grupos por porções de terra, envolvem, ainda, questões relativas às batalhas com o objetivo de influenciar e, até mesmo controlar pessoas, fenômenos e relações, consoante Nilton Marques de Oliveira, em *Território: contributo sobre distintos olhares*:

[...] o território se constitui na esfera de ação no qual, indivíduos e grupos exercem sua territorialidade, isto é, buscam influenciar, ou mesmo controlar, pessoas, fenômenos e relações. Dessa forma, a simples demarcação ou delimitação de um espaço geográfico não caracteriza a existência de um território. Este último só se manifesta quando suas delimitações e fronteiras são utilizadas para moldar comportamentos e controlar o acesso a recursos e poder (OLIVEIRA, 2020, p. 47).

Frequentemente, nos conflitos territoriais é empregado o uso explícito da violência. Não é o caso de *Dois irmãos*. No romance, a competição pelo território ocorre, principalmente, de modo velado. Os confrontos violentos existem na trama, mas não a protagonizam. O combate entre os gêmeos Yaqub e Omar se dá simbolicamente, como um tipo de Guerra Fria apresentando-se implicitamente no romance.

Para Melina Salinas Ruiz (2018, p. 66), em *O território da montanha: interpretações sobre “A montanha mágica”*, “Num território [...] se possuiria crenças, interesses e hábitos diferenciados dos demais. E, sobretudo, haveria a sensação de pertencimento, que possibilita ao indivíduo identificar-se com o resto do grupo, em oposição ao restante da sociedade”. Diante disso, a análise deste estudo se debruçará sobre o sentimento de pertencimento de Omar e de Yaqub em relação à Manaus e à casa da família, espaços em que se desenvolve a batalha pelo território. Omar, dominando Manaus e a casa da família no início do romance,

domina, também, o irmão; já Yaqub, antes submisso, por meio da emancipação pelos estudos, da ascensão social e do ganho monetário, passa, posteriormente, a ser dominador.

No próximo tópico, será discutida essa relação de dominação empreendida pelos protagonistas, apontando pontos no romance que dialogam com a proposta de reflexão apresentada: a de que o espaço, no romance, atua como elemento acirrador do conflito entre os gêmeos.

## 2. TERRITÓRIO E DISPUTA EM *DOIS IRMÃOS*

Durante a trilha narrativa do romance, o conflito existente entre Yaqub e Omar funciona como força motriz da trama. Nesse contexto, o território, um dos alicerces conceituais deste estudo, está atrelado, principalmente, ao relacionamento antagônico entre os gêmeos. A oposição e os embates entre os gêmeos são intensificados, entre outros fatores, pelo modo como os irmãos relacionam-se com os espaços onde vivem, disputando afetos, assimilando lugares, constituindo vínculos de poder frente ao outro e, por conseguinte, construindo territórios. Para Oliveira:

O território é a projeção de relações sociais em um dado espaço, ou seja, relações de poder que se materializa em um determinado substrato material, onde se concretiza as relações de poder, transformando-se, assim, em um território (OLIVEIRA, 2020, p. 43).

Quando crianças, os garotos compartilhavam os espaços manauaras como iguais, frequentando o colégio dos padres, os bailes festivos e os igarapés. A relação dos dois se rompe quando, numa sessão de cinema oferecida às crianças por uma família vizinha, os irmãos têm o seu primeiro embate, estabelecendo um conflito que perdurará ao longo de todo o texto. A desavença dá-se por conta de um beijo entre Yaqub e Livia, interesse amoroso de ambos os gêmeos. Vendo o irmão beijar a menina, Omar, enfurecido, corta o rosto de Yaqub com um pedaço de vidro, marcando-o como diferente:

Selos, soldados e canhões foram esquecidos. O chorinho da vitrola, apagado. Um relógio antigo bateu quatro vezes. Uma correria pela escada de madeira estremeceu a casa e em pouco tempo o porão foi povoado de gritos, as cadeiras da primeira fila foram disputadas. Yaqub reservou uma cadeira para Livia e o Caçula desaprovou com o olhar esse gesto polido. Da escuridão surgiram cenas em preto e branco e o ruído monótono do projetor aumentava o silêncio da tarde. Nesse momento Domingas despediu-se dos Reinoso. A magia no porão escuro demorou uns vinte minutos. Uma pane no gerador apagou as imagens, alguém abriu uma janela e a plateia viu os lábios de Livia grudados no rosto de Yaqub. Depois, o barulho de cadeiras atiradas no chão e o estouro de uma garrafa estilhaçada, e a estocada certa, rápida e furiosa do Caçula. O silêncio durou uns segundos. E então o grito de pânico de Livia ao olhar o rosto rasgado de Yaqub. Os Reinoso desceram ao porão, a voz de Abelardo abafou o alvoroço. O Caçula, apoiado na parede branca,

ofegava, o caco de vidro escuro na mão direita, o olhar aceso no rosto ensanguentado do irmão (HATOUM, 2000, p. 22).

A cisão entre os irmãos fica estabelecida depois desse episódio. Diferentemente da ferida aberta por Omar, os traumas sofridos por Yaqub jamais cicatrizariam, transformando-o num homem lacônico, marcado física e psicologicamente pelos excessos do Caçula, pela omissão do pai e pelo preterimento da mãe, como fica explícito no texto a seguir:

A cicatriz já começava a crescer no corpo de Yaqub. A cicatriz, a dor e algum sentimento que ele não revelava e talvez desconhecesse. Não tornaram a falar um com o outro. Zana culpava Halim pela falta de mão firme na educação dos gêmeos. Ele discordava: “Nada disso, tu trata o Omar como se ele fosse nosso único filho” (HATOUM, 2000, p. 22).

Diante da discórdia fraterna, Halim, a fim de remediar o problema, decide enviar ambos para o Líbano, já que, de acordo com o patriarca, a mudança de país solucionaria a rixa entre os dois. Essa decisão desagradava Zana, que intercede por Omar, deixando o primogênito partir sozinho para a terra natal da família dos pais, arrancando-o de suas origens e distanciando-o por anos dos lugares de sua infância, concedendo ao Caçula o gozo solitário dos afetos e espaços que os gêmeos compartilhavam quando crianças.

A partir desse momento, o espaço passa a exercer um papel importante no desenrolar do conflito entre os dois. Os lugares ocupados pelos gêmeos passam a ser dissociados da companhia um do outro, permitindo o desenvolvimento de indivíduos fisicamente idênticos, mas com personalidades distintas, explicitando a interferência do espaço e da coletividade na formação identitária, uma vez que “a identidade pode ser compreendida como um processo contínuo de construção individual e social, estabelecido pela alteridade”, como defendem Alex Bruno da Silva (2017, p. 28), em *Espaço, memória e identidade em Dois Irmãos, de Milton Hatoum*. Isto posto, com o decorrer do tempo, Omar embaralha-se progressivamente aos espaços que, anteriormente ao exílio de Yaqub, pertenciam a ambos, estabelecendo uma espécie de território.

Ao regressar à capital amazonense, à medida que Yaqub retoma o contato com suas raízes, o primogênito transparece as transições comportamentais sofridas durante o período passado distante do local onde nascera. O jovem emociona-se com as imagens dos lugares de sua infância, atrapalha-se ao pronunciar seu idioma nativo e relaciona-se com reticência na residência onde experienciou a maior parte de sua vida, indícios de seus traumas, causados pela abrupta separação e por algum evento acontecido no Líbano jamais revelado por Yaqub. Sobre esse assunto, o narrador enuncia:

[...] a separação fizera Yaqub esquecer certas palavras da língua portuguesa. Ele falava pouco, pronunciando monossílabos ou frases curtas; calava quando podia, e, às vezes, quando não devia.

No caminho do aeroporto para casa, Yaqub reconheceu um pedaço da infância vivida em Manaus, se emocionou com a visão dos barcos coloridos, atracados às margens dos igarapés por onde ele, o irmão e o pai haviam navegado numa canoa coberta de palha. Yaqub olhou para o pai e apenas balbuciou sons embaralhados. [...] “O que aconteceu?”, perguntou Zana. “Arrancaram a tua língua?” [...] “La, não, mama”, disse ele, sem tirar os olhos da paisagem da infância, de alguma coisa interrompida antes do tempo, bruscamente (HATOUM, 2000, p. 13).

Percebe-se que o primogênito carrega os sinais e a tristeza causados pelo hiato provocado ao ser forçadamente exilado no Líbano, deixando-o deslocado em sua terra natal. Essa ruptura forçada e repentina é mais um golpe sofrido por Yaqub, dado que, de acordo com Alex Bruno da Silva e Flávio Pereira Camargo (2018), no artigo *O espaço do outro: errância e exílio em Dois irmãos, de Milton Hatoum*, ao ser privado do convívio com suas raízes culturais e afetivas, o homem perde parte de suas relações, de suas memórias, de sua história e, conseqüentemente, de sua identidade, sentindo-se, mais tarde, um estrangeiro em sua pátria.

Desde a recepção de Yaqub, Omar comporta-se hostilmente, atrasando-se para a comemoração, demonstrando domínio territorial e provocando ciúme em Yaqub, ao agir, diante de Zana, como se fosse ele o filho que fora exilado no Líbano. Essas ações são legitimadas pela omissão do pai e pela proteção e afetuosidade excessivas da mãe, que mimam e trata o “Peludinho” como se fosse o “único filho”. Enquanto o irmão mais velho estava no Líbano, o Caçula expandiu sua presença e sua territorialidade em relação a Manaus, à casa e ao coração de Zana.

Robert David Sack (1986, p. 19 apud Oliveira, 2020, p. 47), em *Human territoriality: its theory and history*, defende a territorialidade como: “[...] a tentativa de um indivíduo ou grupo de afetar, influenciar, ou controlar pessoas, fenômenos, e relações, delimitando e afirmando o controle sobre uma área geográfica”. A partir desse conceito, pode-se concluir que Omar transforma a casa em seu território. Conforme Borges Filho (2008, p. 30), a conquista do poder pode se suceder por dois caminhos, a coerção, quando há o emprego da punição para que o indivíduo realize os desejos de seu repressor, e a sedução, quando o sujeito realiza as vontades do outro sem que exista o emprego de punição, ao ser seduzido, entre outros meios, por gestos, por carícias, por palavras e por carisma, principais artifícios utilizados por Omar para conquistar as mulheres da casa. O Caçula sempre deixa evidente a influência e o controle que tem sobre o território familiar e suas relações, exibindo-se para Yaqub e autoafirmando a sua territorialidade.



Nesse processo, a figura de Omar entrelaça-se aos espaços da casa, contaminando-o: “Perto do alpendre, o cheiro das açucenas-brancas se misturava com o do filho caçula. [...] e ali no alpendre lembrava a rede vermelha do Caçula, o cheiro dele, o corpo que ela mesma despia na rede onde ele terminava suas noitadas” (HATOUM, 2000, p. 9). Os espaços familiares, agora e no decorrer do romance, refletem a presença do Caçula, exercendo, simbólica e veladamente, uma opressão sobre Yaqub, acirrando implicitamente, o conflito entre os gêmeos. Ao passo que o Caçula comportava-se expansivamente, o primogênito agia como “alguém que não conseguia ser espontâneo na casa onde nascera” (HATOUM, 2000, p. 83), reiterando o contraste de origem espacial.

Não apenas a residência ecoava Omar, mas também Manaus; famoso em todos os espaços manauaras, conhecido por ser exímio frequentador das atrações noturnas da cidade, aproveitando-as ao máximo e voltando para casa apenas de madrugada. Essa realidade é mais uma mostra da dominação simbólica empreendida pelo Caçula sobre o primogênito, privado por anos do convívio manauara. “Em Manaus, Omar nunca seria um anônimo. E, para Yaqub, o anonimato era um desafio” (HATOUM, 2000, p. 82). Em *Território, espaço de identidade*, Rosa Maria Medeiros (2009, p. 217-218) defende que o território embasa-se em elos identitários e de pertencimento entre o sujeito e o espaço, assim, pode-se dizer que o Caçula conectou-se aos lugares, imperando sobre a casa e sobre a cidade, projetando-se em todas as localidades e em todas as relações sociais, mesclando-se aos seus domínios. Sarita Albagli (2004, p. 37), em *Território e Territorialidade*, argumenta que “o território não se reduz então à sua dimensão material ou concreta; ele é, também, ‘um campo de forças, uma teia ou rede de relações sociais’ que se projetam no espaço”; ainda segundo Albagli (2004, p. 37), o território pode compreender espaços em diferentes circunstâncias e escalas como uma casa, um bairro ou uma cidade.

Sob o domínio simbólico do irmão, Yaqub refugia-se nos estudos, considerando-os a oportunidade de se libertar dessa situação. Para isso, autoexila-se em seu quarto, privando-se dos prazeres oferecidos por Manaus e relacionando-se de modo reticente com os familiares. O colégio e o quarto eram os espaços onde o primogênito agia libertamente, destacando-se nos cálculos. “O que lhe faltava no manejo do idioma sobrava-lhe no poder de abstrair, calcular, operar com números” (HATOUM, 2000, p. 25). O gêmeo solitário negava-se a frequentar o território do Caçula, em vez de apreciar os atrativos de Manaus, debruçava-se sobre os livros, criando uma espécie de refúgio, como explicitado no seguinte excerto:

Que noites, que nada! Ele desprezava, altivo em sua solidão, os bailes carnavalescos, ainda mais animados nos anos do pós-guerra, com os corsos e suas colombinas que saíam da praça da Saudade e desciam a avenida num frenesi louco até o Mercado

Municipal; desprezava as festas juninas, a dança do tipiti, os campeonatos de remo, os bailes a bordo dos navios italianos e os jogos de futebol no Parque Amazonense. Trancava-se no quarto, o egoísta radical, e vivia o mundo dele, e de ninguém mais. O pastor, o aldeão apavorado na cidade? Talvez isso, ou pouco mais: o montanhês rústico que urdia um futuro triunfante (HATOUM, 2000, p. 25-26).

Avistando um futuro brilhante para Yaqub a partir de seu talento com os cálculos, Bolislau, o professor de matemática, aconselha-o: “Vá embora de Manaus’ e, temendo pelo destino do jovem matemático, alerta-o: ‘Se ficares aqui, serás derrotado pela província e devorado pelo teu irmão’” (HATOUM, 2000, p. 32). A recomendação do Padre Bolislau reafirma Manaus como território sob o domínio de Omar, enfatizando a necessidade da partida de Yaqub para São Paulo. No mesmo momento em que o primogênito se despedia de Manaus e da família, vislumbrando sucesso junto ao desenvolvimento da capital paulista, “ele, o Caçula, ia permanecer ali, ia reinar em casa, nas ruas, na cidade” (HATOUM, 2000, p. 34).

Para Oliveira (2020, p. 59), a relação de pertencimento entre o indivíduo e o território é mútua, é o lugar que provoca "o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence"; ou seja, são os espaços onde vivemos ativamente e dos quais nos sentimos parte. Sendo assim, pode-se inferir que o primogênito passa a pertencer à capital paulistana, pois, em São Paulo, "Yaqub pintava o ritmo de sua vida paulistana" (HATOUM, 2000, p. 44), adaptando-se rapidamente à nova realidade, incorporando-se à metrópole e distanciando-se de Manaus. Conforme Yaqub deixa transparecer nas raras cartas enviadas à família, seu comportamento em São Paulo difere do apresentado em Manaus, quando o jovem abdicou dos espaços para se refugiar nos estudos. Na capital paulistana, o primogênito, em vez de trancar-se no quarto, explora os ambientes da cidade, participando efetivamente das atividades, apropriando-se dos costumes, valores e práticas metropolitanos e construindo, aos poucos, o seu próprio território:

As cartas rareavam e as notícias de São Paulo pareciam sinais de um outro mundo. [...] Os acenos intermitentes da metrópole: o dia a dia na Pensão Veneza, os cinemas da São João, os passeios de bonde, o burburinho do viaduto do Chá e os sisudos mestres engravatados, venerados por Yaqub. Na primeira foto que enviou, trajava paletó e gravata e tinha o ar posudo que lembrava o espadachim no desfile da Independência (HATOUM, 2000, p. 45).

Em sua breve visita à capital manauara, Yaqub, agora engenheiro, ao retornar para o território do irmão, sente-se novamente deslocado nos espaços de Manaus, deixando claro, dessa vez, o seu incômodo:

Em casa, diante da família, ele se alterava, ficava desconfiado. Mas perto de mim não vestia uma armadura sólida, como dissera Halim a respeito do filho. Durante o nosso passeio pela cidade, enquanto nos aproximávamos da zona portuária, ele parecia estranhar tudo. Estava ensopado de suor, irritado com a sujeira acumulada

nas ruas. Aos poucos, tudo isso foi perdendo importância. Perto do Hotel Amazonas ele parou diante da banquinha de tacacá da dona Deusa, tomou duas cuias, sorvendo com calma o tucupi fumegante, mastigando lentamente o jambu apimentado, como se quisesse recuperar um prazer da infância (HATOUM, 2000, p. 85)

Em casa, o primogênito trata rispidamente os familiares, poupando apenas Nael e Domingas, que, assim como o jovem engenheiro, vivem às margens afetivas da família. O comportamento de Yaqub demonstra, mais uma vez, o seu embaraço ao estar no território do Caçula. Até aquele momento, Manaus permanecia sob o domínio territorial de Omar, entretanto, com o passar do tempo, o cenário se inverte.

Após sua rápida passagem por Manaus, Yaqub inicia um processo inconsciente de territorialização da casa dos pais, evidenciado pela presença simbólica da capital paulista na residência da família. O próspero filho mais velho de Zana traz consigo o progresso e a estética paulistas, representados pelos presentes enviados pelo primogênito, pela modernização feita na loja e na casa da família, exceto no quarto do Caçula, porque Omar menospreza e se priva dos benefícios provenientes de Yaqub:

Yaqub agiu e foi generoso. [...] Na breve visita que fez a Manaus, deve ter notado e anotado todas as carências da casa, dos parentes e empregados. O homem que estrebuchou por oitocentos e vinte dólares e uns poucos pertences transformou a nossa casa (HATOUM, 2000, p. 96).

Uma boa amostra da indústria e do progresso de São Paulo estacionou diante da casa. Os vizinhos se aproximaram para ver o caminhão cheio de caixas de madeira lacradas; a palavra frágil, pintada de vermelho num dos lados, saltava aos olhos. Vimos, como dádiva divina, os utensílios domésticos novinhos em folha, esmaltados, enfileirados na sala (HATOUM, 2000, p. 97).

Tudo o que era novo, mesmo de uso limitado, impressionava. Yaqub surpreendeu ainda mais: mandou dinheiro para restaurar a casa e pintar a loja. Então, uma aparência moderna lustrou o nosso teto (HATOUM, 2000, p. 97).

Omar desprezou a reforma da casa e da loja. Proibiu que pintassem seu quarto, privou-se de qualquer sinal de conforto material que viesse do irmão. Comia fora de casa (HATOUM, 2000, p. 98).

A Ditadura militar no Brasil (1964-1985) deu-se durante a Guerra Fria, período em que os Estados Unidos da América e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (U.R.S.S.) efetivaram uma intensa competição ideológica, diplomática, econômica e tecnológica, objetivando a hegemonia global. Diante disso, com o fim da Segunda Guerra Mundial, o mundo dividiu-se em dois grandes opostos, o capitalista, capitaneado pelos Estados Unidos, e o socialista, chefiado pela U.R.S.S., exigindo o posicionamento de muitos países frente à dicotomia estabelecida pela ‘cortina de ferro’, de acordo com José Paulo Netto (2014, p. 23-32), em seu livro *Pequena história da ditadura brasileira*.

O Brasil, no início, completamente alinhado aos ideais capitalistas, a partir do governo de Jânio Quadros (1961), ensaia a adoção de uma política externa mais independente, aproximando o país da U.R.S.S., reatando relações com outros países do bloco comunista e opondo-se à interferência dos Estados Unidos na política dos países da América do Sul, em conformidade com Júlio José Chiavenato (1997, p. 106), em *O golpe de 64 e a ditadura militar*. Netto (2014, p. 7) afirma que essas ações foram vistas negativamente pela classe política, pelos militares e pela elite econômica que, mais tarde, contribuíram, com o apoio dos Estados Unidos, para a renúncia do presidente Jânio Quadros e para a destituição de seu vice-presidente João Goulart, alegando que a democracia estaria em risco devido ao Comunismo e alicerçando o golpe militar de 1964, inaugurando, em 31 de março do mesmo ano, a ditadura militar no Brasil.

Durante os anos em que os militares estiveram no poder, o Brasil passou por grandes mudanças. No campo econômico e industrial, à custa da entrada de capital estrangeiro no país, os avanços do “milagre econômico” se sucederam aos moldes das determinações capitalistas, modernizando as atividades produtivas brasileiras e explorando agressivamente a mão-de-obra dos trabalhadores, em concordância com Netto (2014, p. 8), e provocando o aumento do endividamento externo brasileiro, como explicado por Jennifer Hermann (2011, p. 68), no capítulo *Reformas, endividamento externo e o “milagre” econômico*, do livro *Economia Brasileira Contemporânea: 1945-2010*. Todavia, a prosperidade econômica e industrial não foi igualitária em todas as regiões do Brasil, centralizando-se em São Paulo e no Rio de Janeiro, acentuando exponencialmente as desigualdades sociais, segundo Netto (2014, p. 15). Nael, ao rememorar esse período, descreve:

[...] A outra extremidade do Brasil crescia vertiginosamente, como Yaqub queria. No marasmo de Manaus, dinheiro dado era maná enviado do céu (HATOUM, 2000, p. 78).

[...] Noites de blecaute no norte, enquanto a nova capital do país estava sendo inaugurada. A euforia, que vinha de um Brasil tão distante, chegava a Manaus como um sopro amornado. E o futuro, ou a ideia de um futuro promissor, dissolvía-se no mormaço amazônico. Estávamos longe da era industrial e mais longe ainda do nosso passado grandioso (HATOUM, 2000, p. 96).

No âmbito ideológico, a ditadura destacou-se pela censura, repressão e punição empreendidas pelos militares sobre todos aqueles considerados inimigos, ou seja, todos os sujeitos discordantes da ideologia pregada pelos militares, segundo Dom Paulo Evaristo Arns (1987, p. 43), em seu livro *Brasil: nunca mais*. Os únicos que se sentiam confortáveis com essa situação eram os indivíduos que compartilhavam das mesmas convicções da ditadura, caso de Yaqub perante a ocupação militar na cidade de Manaus:

[...] Yaqub não se intimidou com os veículos verdes que cercavam as praças e o Manaus Harbour, com os homens de verde que ocupavam as avenidas e o aeroporto. Nem mesmo um diabo verde o teria intimidado. Eu não queria sair de casa, não entendia as razões da quartelada, mas sabia que havia tramas, movimento de tropas, protestos por toda parte. Violência. Tudo me fez medo. Mas ele insistiu em que eu o acompanhasse: “Já fui militar, sou oficial da reserva”, me disse orgulhoso (HATOUM, 2000, p. 149).

Ao visitar novamente a família, Yaqub sente-se à vontade na residência familiar, dado que, agora, a casa também constitui um de seus territórios:

Não perdera o ar soberbo: o orgulho de alguém que quis provar a si mesmo e aos outros que um ser rude, um pastor, um ra'í, como o chamava a mãe, poderia vir a ser um engenheiro famoso, reverenciado no círculo que frequentava em São Paulo. Agora não queria ser chamado de doutor, sentia-se mais à vontade em casa, não vestia mais paletó e gravata. Tampouco se comportou como hóspede. Era um filho que volta à casa dos pais e ao lugar da infância (HATOUM, 2000, p. 147).

Em determinado momento do romance, ao enraizar-se e progredir seus estudos em São Paulo, o primogênito torna-se um célebre engenheiro militar, defensor dos ideais da ditadura militar difundidos no cenário paulistano e, mais tarde, impostos a todas as regiões do país.

O crescimento da territorialização de Yaqub sucedido na decadente Manaus deu-se por meio das imposições e das perseguições empreendidas pela Ditadura Militar após o golpe de 1964, personificada pela presença constante dos militares nos ambientes públicos manauaras, reprimindo violentamente quaisquer manifestações contrárias às ocupações e à ideologia ditatorial, independentemente da idade, sexo ou contexto social das vítimas perseguidas, torturadas e, por vezes, assassinadas em defesa dos ideais golpistas, consoante Netto, para perdurar por mais de vinte anos:

[...] o regime do 1º de abril teve que perseguir, exilar, torturar, prender e assassinar (e/ou fazendo “desaparecer”) operários e trabalhadores rurais, sindicalistas, estudantes, artistas, escritores, cientistas, padres e até mesmo burgueses e militares que tinham compromisso com a democracia – o que significa que aqueles vinte anos foram também *anos de resistência* (NETTO, 2014, p. 7).

No romance, entre outros acontecimentos, esse obscuro contexto manauara é ilustrado no excerto em que Antenor Laval, professor de francês do Galinheiro dos Vândalos e amigo de Omar, antes de ser morto em prol da ditadura, ao opor-se aos ideais da ditadura, é humilhado, espancado, arrastado e preso em praça pública por militares:

Foi humilhado no centro da praça das Acácias, esbofeteado como se fosse um cão vadio à mercê da sanha de uma gangue feroz. Seu paletó branco explodiu de vermelho e ele rodopiou no centro do coreto, as mãos cegas procurando um apoio, o rosto inchado voltado para o sol, o corpo girando sem rumo, cambaleando, tropeçando nos degraus da escada até tombar na beira do lago da praça. Os pássaros, os jaburus e as seriemas fugiram. A vaia e os protestos de estudantes e professores do liceu não intimidaram os policiais. Laval foi arrastado para um veículo do Exército, e logo depois as portas do Café Mocambo foram fechadas. Muitas portas foram fechadas quando dois dias depois soubemos que Antenor Laval estava morto. Tudo isso em abril, nos primeiros dias de abril (HATOUM, 2000, p. 142).

Laval simboliza a resistência e o sofrimento das vítimas frente às atrocidades cometidas pelos militares, que agiam covardemente ao punir seus opositores, ignorando as vaias, protestos e outras manifestações contrárias às barbáries praticadas, até mesmo sob à luz do dia, em locais públicos ou privados, atitudes, em nome da propagação dos planos militares, aprovadas por Yaqub. Acordadamente com Ricardo Antunes e Marcelo Ridenti (2007, p. 87), no texto *Operários e estudantes contra a ditadura: 1968 no Brasil*, da revista *Mediações*, o auge dessa repressão ocorreu após a edição do AI-5, visto que houve o aumento da censura, da opressão e da violência sobre os opositores dos mais variados matizes sociais, marcando o início dos "Anos de chumbo".

A ascensão de Yaqub e de São Paulo contrasta com o declínio de Omar e Manaus, o jovem militar reflete a modernidade, o sucesso industrial paulistano e os anseios da expansão ditatorial, para o primogênito “os terrenos do centro pedem para ser ocupados” (HATOUM, 2000, p. 147) e “Manaus está pronta para crescer” (HATOUM, 2000, p. 147). Desse modo, Yaqub apossa-se também de Manaus, antigo território de Omar, remetendo ao pensamento defendido por Sack (1986, p. 19), pois, para o estudioso, os “[...] territórios exigem constante esforço para o seu estabelecimento e manutenção [...]”. Em oposição ao êxito de Yaqub e de São Paulo, encontra-se a decadência de Omar e de Manaus. Depois da ocupação de Manaus, do fechamento de vários estabelecimentos, de escolas e de cinemas pelos militares e, também do assassinato de Antenor Laval, o Caçula, perdido em meio à ocupação, doente, enlutado por Laval e recluso na residência, escreve um “Manifesto contra os golpistas”. Em seguida, ao sair do quarto, Omar passa a dedicar-se mais ao cuidado do quintal da casa, talvez o único lugar da casa livre dos sinais da presença de Yaqub:

Quando saiu do quarto, parecia o andrajoso que eu tinha visto caminhar no trapiche, vindo em minha direção. O mesmo olhar fixo e espantado de um emparedado: olhos de pesadelo, perdidos na mais escura das noites (HATOUM, 2000, p. 153).

Então ele deu de catar frutas podres no quintal, frutas e folhas que depois varria, amontoava e ensacava. Domingas queria ajudá-lo, mas ele a repelia com gestos bruscos, raivoso. Ciscava a terra, plantava mudas de palmeira e podava ramos rebeldes que se contorciam para fora da copa. Catava as frutas bichadas, mas perdia tempo com uma jaca desventrada, observando as moscas e larvas aninhadas na polpa amarela. Era estranho vê-lo assim, tão perto do nosso canto, descalço e sujo (HATOUM, 2000, p. 153).

Futuramente, ao tentar reinventar-se e reerguer-se numa Manaus totalmente transformada pelas imposições e pela evolução industrial advindas da ditadura, Omar é enganado por Yaqub, o primogênito, com a ajuda inconsciente de Zana, trapaceia ao apropriar-se de uma negociação iniciada pelo irmão com Rochiram, um estrangeiro indiano

que almeja construir um hotel na capital manauara. Nessa situação, Omar agride ferozmente o irmão e endivida a família, ao destruir o projeto do hotel encomendado por Rochiram ao primogênito, sendo, posteriormente, perseguido pelo irmão e preso por militares, deixando o caminho livre para que o primogênito venda a casa familiar, quitando a dívida com o estrangeiro e triunfando definitivamente sobre todo o território manauara. O jovem engenheiro, semelhantemente aos militares que submeteram o Brasil ao capital estrangeiro, submete, de maneira desapegada, a residência da família às vontades estrangeiras.

Fica evidenciado, então, que as disputas por espaços travadas pelos gêmeos durante o percurso narrativo do romance demonstram a influência do território e das relações de poder no acirramento do conflito gemelar, visto que o jogo de forças empregado pelos irmãos nesses confrontos, em diferentes contextos territoriais, intensifica a relação antagônica entre o primogênito e o Caçula, promovendo o aumento da violência entre os filhos de Zana e contribuindo para o desmoronamento familiar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das discussões feitas, percebeu-se a importância das contribuições do espaço para o enriquecimento semântico narrativo, podendo funcionar de diversas formas na narrativa, atuando, inclusive, como elemento constitutivo de todo o enredo, como ocorre ao transformar-se em território e intensificar o conflito gemelar em *Dois irmãos*. No romance, o papel territorial assumido pelo espaço é relevante para a compreensão das nuances das personagens, acentuando e acirrando, veladamente, o antagonismo existente entre os gêmeos Omar e Yaqub, uma vez que o jovem Yaqub, ao retornar de seu exílio forçado no Líbano, transpõe a ruptura causada pelo período em que esteve distante de suas raízes afetivas e culturais, sentindo-se desconfortável em Manaus, sua terra natal e, até mesmo na residência onde nasceu, isolando-se e almejando emancipar-se por meio dos estudos, em virtude da perda da identificação e da relação de pertencimento com os espaços de sua infância, territórios contaminados e dominados por Omar, o Caçula.

A partida de Yaqub para São Paulo e a posterior ascensão social conquistada pelo primogênito na capital paulista, ao tornar-se um célebre engenheiro militar, evidenciam a capacidade de o indivíduo incorporar-se a novos espaços e a novos contextos sociais, assumindo outros olhares, costumes, valores, crenças e anseios, estabelecendo, assim, elos de identificação e pertencimento com o espaço e, conseqüentemente, a construção de territórios. Dessa maneira, o primogênito reveste-se de todo o contexto paulistano vigente após o Golpe

de 1964, compartilhando dos ideais ditatoriais e dos privilégios dos militares e da elite econômica apoiadora das atrocidades cometidas em favorecimento da ditadura militar.

Inicialmente, em Manaus, o avanço do poderio simbólico de Yaqub dá-se por meio das modernas reformas empreendidas na loja e na residência da família, além dos benefícios financeiros, oportunizados pelo sucesso econômico do primogênito no florescente contexto paulista e concedidos aos familiares. Mais tarde, a expansão do poder de Yaqub perante os demais territórios de Omar ocorre por intermédio da força do processo de ocupação dos militares. Em todos os espaços manauaras, os defensores da ditadura atuam censurando e cerceando as liberdades e as atividades cotidianas da cidade, perseguindo, oprimindo, torturando e assassinando covardemente seus opositores, entre esses, Antenor Laval, professor e amigo do Caçula, atingindo fortemente Omar, acentuando, assim, concomitantemente, a decadência da capital manauara, em razão da violência, dos mandos e desmandos militares, e o declínio de Omar, enlutado, doente, recluso e perdido diante do estado caótico manauara.

Posteriormente, já na Manaus derrotada pela ditadura, modernizada e transformada forçadamente aos moldes militares, o golpe derradeiro e triunfante de Yaqub em Omar, orquestrado e desferido com o auxílio inconsciente da mãe dos gêmeos, acontece após o episódio da trapaça do primogênito sobre o Caçula, trazendo consequências devastadoras não só para Omar, que é perseguido e preso por militares depois de agredir furiosamente o irmão, mas também para Zana e Rânia, devido ao endividamento contraído por causa da destruição do projeto do hotel de Rochiram por Omar e posterior venda da residência familiar com a finalidade de pagar a dívida, declarando, desse modo, a vitória definitiva de Yaqub diante de Omar e de São Paulo diante de Manaus.

## REFERÊNCIAS

ALBAGLI, Sarita. Território e territorialidade. In: LAGES, Vinicius, BRAGA, Cristiano & MORELLI, Gustavo. **Territórios em movimento**: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva. Rio de Janeiro: Relume Dumará / Brasília – DF: SEBRAE, 2004.

ANTUNES, Ricardo & RIDENTI, Marcelo. Operários e estudantes contra a ditadura: 1968 no Brasil. In: **Mediações**, v. 12, n. 2, p. 78-89, Jul/Dez. 2007. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.5433/2176-6665.2007v12n2p78>>. Acesso em: 20 jun. 2021.

ARNS, Dom Paulo Evaristo. **Brasil**: nunca mais. Petrópolis: Vozes, 1987.

ARRUDA FILHO, Raul José Matos de. **A invenção do inimigo**: literatura e fraternidade. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. P. 585. Disponível em: <



- <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/91683/275613.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 25 out. 2020.
- BORGES FILHO, Oziris. **Espaço e literatura: introdução à toponálise**. Franca: Ribeirão Gráfica e Editora, 2008.
- CHIAVENATO, Júlio José. **O golpe de 64 e a Ditadura Militar**. São Paulo: Moderna, 1997.
- DIMAS, Antônio. **Espaço e romance**. São Paulo: Ática, 1985.
- HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. 2004. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2021.
- HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- HERMANN, Jennifer. Reformas, endividamento externo e o “milagre” econômico. In: CASTRO, Lavínia de Barros, GIAMBIAGI, Fabio & VILLELA, André. [Org.] **Economia Brasileira contemporânea: 1945-2010**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.
- LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática, 1976.
- MEDEIROS, Rosa Maria Vieira. Território, espaço de identidade. In: SAQUET, Marcos Aurélio. & SPOSITO, Eliseu Savério. [Org.] **Territórios e territorialidades: teoria, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- NETTO, José Paulo. **Pequena história da ditadura brasileira (1964-1985)**. São Paulo: Cortez, 2014.
- OLIVEIRA, Nilton Marques de. Território contributo sobre distintos olhares. **Revista Tocantinense de Geografia**, v. 9, n. 17, p. 43-62, 30 mar. 2020. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/geografia/article/view/8032/16567>>. Acesso em: 22 mar. 2021.
- RUIZ, Melina Salinas. **O território da montanha: interpretações sobre “A montanha mágica”**. 2018. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/garrafa/article/download/18383/10963>>. Acesso em: 12 mai 2021.
- SACK, Robert David. **Human territoriality: its theory and history**. London: Cambridge University Press, 1986.
- SILVA, Alex Bruno da. **Espaço, memória e identidade em *Dois irmãos*, de Milton Hatoum**. 2018. 128 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017. Disponível em: <<http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/8155>>. Acesso em: 01 mai 2021.
- SILVA, Alex Bruno da. CAMARGO, Flávio Pereira. 2018. O espaço do outro: errância e exílio em *Dois irmãos*, de Milton Hatoum. **Letrônica**, 11(3), 337-348. Disponível em: <<https://doi.org/10.15448/1984-4301.2018.3.30819>>. Acesso em: 01 mai 2021.

HENRIQUE OLIVEIRA DOS SANTOS

TERRITÓRIO EM DISPUTA EM *DOIS IRMÃOS*, DE MILTON HATOUM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenadoria do Curso Superior de Licenciatura em Letras-Português como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras-Português.

Aprovado em 13 de setembro de 2021.

COMISSÃO EXAMINADORA

*Michelly Cristina Alves Lopes*  
Profa. Ma. Michelly Cristina Alves Lopes

Instituto Federal do Espírito Santo  
Orientadora

*Michelly Cristina Alves Lopes*  
Prof. Me. Rogério Rufino de Oliveira

Universidade Federal do Espírito Santo  
Membro Externo

*Michelly Cristina Alves Lopes*  
Prof. Dr. Nelson Martinelli Filho

Instituto Federal do Espírito Santo  
Membro Interno